



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais
Aplicadas - FATECS

DEBORAH FORTUNA OLIVEIRA DE ANDRADE

SONHO DE MENINA – Documentário
Memorial de produção de filme sobre mulheres e desigualdade

Brasília
2016

DEBORAH FORTUNA OLIVEIRA DE ANDRADE

SONHO DE MENINA – Documentário
Memorial de produção de filme sobre mulheres e desigualdade

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Mestre Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília
2016

DEBORAH FORTUNA OLIVEIRA DE ANDRADE

SONHO DE MENINA – Documentário
Memorial de produção de filme sobre mulheres e desigualdade

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Mestre Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 20 de Junho de 2016

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira

Orientador

Professora Renata Bittencourt

Examinador

Jornalista Marcelo Canellas

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelos pequenos milagres de todo o dia. A minha mãe, Cynthia e ao meu irmão Raphael por serem minha grande base de tudo, me apoiarem em todas as minhas decisões e por serem meus melhores amigos. Ao meu orientador e mestre Luiz Cláudio Ferreira por ter embarcado nessa aventura junto comigo e ter me ensinado, durante todos esses anos, sobre nosso papel social como jornalistas. Obrigada, professor, por me lembrar os motivos que me levaram a fazer esse curso. Agradeço a minha examinadora, Renata Bittencourt, por ter acreditado no meu trabalho quando ele ainda era apenas uma ideia abstrata. E ao examinador, Marcelo Canellas, por ter me inspirado como profissional, e me ensinado – de forma indireta – que mundo está cheio de histórias para contar. E mesmo com a correria da profissão, aceitou avaliar o meu projeto.

Quero agradecer também aos meus fiéis amigos, que também entraram nessa estrada tão difícil e muitas vezes desanimadora (apesar de ao mesmo tempo recompensadora). Obrigada Juliana Braz, por todas as vezes que só você me deu forças para continuar. A Maria Clara, por todos os ensinamentos (se eu cresci muito durante a faculdade também foi culpa sua). A Júlia Campos por todas as vezes que você me escutou por todo e qualquer motivo e me ajudou a encarar os problemas da vida. E ao Nabil Sami que, sem a sua ajuda, eu não ia conseguir ter terminado esse trabalho. Obrigada pela paciência, pelas risadas e pela força durante todos esses anos: Adriano Nunes, Carolina Gama, Felipe Rocha, Gabriel Veras, Regina Arruda, Vinícius Brandão e Tainá Arantes. A partir de agora, o mundo é nosso.

A nós, mulheres, amigas, irmãs, mães, avós e filhas. Pelos nossos sonhos. Estamos todas
juntas nessa.

“Eu sou eu e minhas circunstâncias, e se não salvo a ela, não me salvo a mim” (José Ortega y
Gasset)

RESUMO

Esse trabalho é o memorial de um vídeo documentário (com vieses poético e participativo), que reflete sobre a história dos sonhos de mulheres que viveram, ou ainda moram, na periferia do Distrito Federal. O filme, intitulado de “Sonho de Menina”, sob o olhar e reflexões da autora, busca na memória de personagens fatos e aspirações que elas têm para o próprio futuro. São meninas, adolescentes e adultas em um espaço de disparidade social e econômica. Para a produção do filme, foram escolhidas apenas personagens mulheres, pois se entende que a periferia tem características heterogêneas, e a desigualdade de gênero existe em todos os lugares, sendo eles pobres ou ricos. Portanto, elas seriam ainda mais reféns do meio por serem mulheres. Assim, para entendermos as dificuldades, os sonhos e as realidades, o documentário mostra a versão do ponto de vista de quem passa pelas situações apresentadas. O objetivo do “Sonho de Menina” não é reduzir as personagens como vítimas, mas trazer uma reflexão dos espectadores para os próprios sonhos, e o que tem sido feito para que eles não se percam com o tempo.

Palavras-chave: Sonhos; Mulheres; Periferia; Documentário; Produto jornalístico;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PAPEL SOCIAL DA COMUNICAÇÃO E DO JORNALISMO	10
3	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	11
3.1	O poético, o participativo e o “eu”	12
4	MEMÓRIA PARA O FILME	14
5	DIÁRIO DE BORDO	16
6	CONCLUSÃO	20
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICE A – ROTEIRO	23

1 INTRODUÇÃO

O primeiro despertar: em março de 2016, a relatora especial das Nações Unidas Rita Izsák apresentou um relatório sobre a realidade das minorias no Brasil, entre elas, a das populações residentes nas favelas brasileiras. Em visita ao país em setembro de 2015, Izsák pôde conversar com organizações da sociedade civil e grupos populares de diversos segmentos atuantes nos conflitos acerca das chamadas “minorias”. Em entrevista no ano passado, ela demonstrou particular preocupação com uma categoria específica estudada: “Para os estudantes das favelas, os altos níveis de abandono escolar e de crime significam que a juventude tem poucos sonhos ou perspectivas de vida” (ISZÁK, 2015, tradução nossa). Ou seja, para Rita Izsák, jovens da periferia não parecem ter sonhos.

O segundo despertar: Souza (2009) diz que o “sonho” dos moradores da periferia funciona como uma “defesa psíquica” para que eles possam continuar “vivos” dentro da sociedade. Segundo o autor, “A necessidade da ‘ralé’ de ‘fantasiar’ a própria vida é compreensível e justificável. Afinal, só pode perceber com clareza a própria miséria social e existencial quem possui, ao menos potencialmente, os meios de superá-la” (SOUZA 2009, p.418). Para o autor, a “miséria” dos pobres não é apenas econômica, mas, indissociavelmente, existencial e moral.

O documentário “Sonho de Menina”, resultado de reflexões neste semestre (e fruto de sentimentos há muito mais tempo, como vai ser possível destacar mais à frente), aborda a questão dos sonhos e aspirações das mulheres que já moraram, ou ainda vivem, em comunidades onde as dificuldades para se atingir objetivos são mais acentuadas. Imagine uma criança de classe média. Rodeada de amigos e parentes que perguntam o que ela gostaria de ser quando crescer. As respostas podem ser variadas, mas todas são bem-vindas e estimuladas. Anos depois, a criança decidiu que seria uma médica. Estudou em uma escola com alta porcentagem de alunos aprovados em vestibulares concorridos. Frequentou uma faculdade respeitada e, mesmo com dificuldades que atingem qualquer classe média, nunca teve motivos para largar os estudos.

Já é sabido que aqueles que carecem de mão-de-obra qualificada, seja por qual motivo, quando conseguem entrar no mercado de trabalho, buscam por empregos subalternos, com longas cargas horárias e salários baixos. Entretanto, seria ingenuidade pensar que essas pessoas não tiveram sonhos profissionais ou pessoais, mesmo que não tenham se concretizado.

Mas, por que então, concentrar-se exclusivamente no universo feminino, se todos os habitantes de uma periferia são afetados, não só economicamente, mas de forma política e social

também? Ainda que os moradores dessas regiões carreguem um histórico diferente da população de classe média ou alta, a periferia tem características heterogêneas. Dentro de uma minoria econômica, existe um grupo de minoria social: o das mulheres.

Quando o gênero é o critério que define a separação, são os atributos culturalmente construídos sobre o que é ser homem ou mulher os que servem para demarcar os limites dos espaços, espaços que corporificam a assimetria social entre uns e outras. As mulheres podem ser segregadas tanto dentro como fora do trabalho extradoméstico, na esfera familiar ou em qualquer âmbito de interação. Em seguida, ver-se-á como as distintas formas de segregação se articulam e contribuem para as situações de exclusão social de que são objeto. (COLETA, 2001, pg 81).

Em outras palavras, mesmo que homens e mulheres das periferias tenham mais dificuldades para alcançarem os objetivos, são elas quem mais percebem a exclusão social, pois já sofrem com a distinção de gênero dentro da sociedade como um todo.

Por isso, em meio ao estereótipo do papel que as mulheres têm que cumprir para se colocarem na posição de fêmea, quais são esses sonhos que se perderam? Quão intensa foi a participação da sociedade na desistência desses sonhos? E mais do que isso, qual é o papel do jornalismo para desconstrução desses estereótipos? O documentário, ao registrar a parcela da vida de personagens, consegue sensibilizar a opinião pública e chamar a atenção para políticas de assistência?

Para produzir o documentário “Sonho de Menina” foi necessário procurar personagens que foram prejudicadas por causa da desigualdade. Foram escolhidas mulheres que já viveram, ou ainda moram, em periferias do Distrito Federal. Pois, para entender os efeitos das distinções de gênero e sociais é preciso ouvir as grandes protagonistas deste fardo. É necessário compreender partindo do ponto de vista interno, ou seja, de quem vive aquilo que pode contar. Como relata Freire: “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (1968, p. 34)

E mais: o que caracteriza essas dificuldades enfrentadas pela periferia? Para Matos (2006), no âmbito geral, a resposta é a teoria do capital cultural (BOURDIEU, 1970 apud Matos, 2006). Ou seja, a herança familiar cultural e intelectual do indivíduo que é passada entre as gerações. Assim, para Matos, o grande desafio da periferia é se desvencilhar do ambiente social em que se está inserido.

É sabido que um dos pontos essenciais de diferença entre as classes diz respeito exatamente à desproporção do volume de capital cultural. Os indivíduos de classe baixa têm normalmente baixa escolaridade, pouco ou nenhum exemplo dos pais no

que toca a hábitos reflexivos, de leitura e comportamento disciplinado, e pouca familiaridade com a “cultura legítima (MATOS, 2006, p. 160)

Não apenas isso, mas também fica perceptível os resultados que a diferença de gênero pode trazer na questão de realização de sonhos. Na periferia, os desejos das mulheres são oprimidos por pessoas que reproduzem o discurso opressor de que a mulher deve ficar à disposição do marido, ou casa, ou família.

Na comparação entre as diferenças socioculturais entre as mulheres ficam evidentes as desigualdades existentes entre elas na dimensão moral, cultural e política, enfim, disposicional. Percebo claramente as mulheres de classe baixa são muito mais reduzidas a corpo, não só porque participam de forma precária do mercado em ocupações cuja base é o trabalho manual ou sequer participam do mercado, mas porque a tônica das relações homem/mulher na classe baixa é ditada pela sexualidade predominantemente pulsional, não-refletida (MATOS, 2006, p.179)

Assim, o filme entregue traz a perspectiva das mulheres que sofrem com a realidade e as dificuldades de gênero para a realização de sonhos dentro do âmbito social da periferia.

2 PAPEL SOCIAL DA COMUNICAÇÃO E DO JORNALISMO

Embora o gênero a ser apresentado aqui não é exclusivamente feito por jornalistas, foram trazidos elementos constitutivos da reportagem, tal como a entrevista, a apuração e a narrativa.

No campo do jornalismo (o “mundo” de onde saiu esse trabalho), quem exerce a profissão aprende a refletir-se como responsável pela melhoria social. É trazer à tona a discussão, a reflexão e o questionamento do *status quo*. Não apenas por vivermos dentro de uma sociedade desigual, mas por sermos responsáveis, como cidadãos, por propagar essa condição.

Não temos, até hoje, sequer a “consciência analítica” e intelectual e conseqüentemente, não podemos ter também a “consciência política” de que produzimos essa classe de despossuídos. Novamente, é claro que “vemos” os pobres na rua, mas isso não significa compreender porque eles são tão pobres e nem porque continuam a sê-lo, nem, muito menos, o que produz e reproduz essa pobreza (SOUZA, 2009, p. 403)

Portanto, para o autor, quando retiramos a nossa “culpa”, colocamos as responsabilidades em seres abstratos: “‘O estado corrupto’ e/ou uma ‘elite má’ que ninguém define, o que só contribui para o contínuo e secular obscurecimento de nossos conflitos sociais mais importantes” (2009, p.403). Assim, no momento que compreendemos e admitimos que também somos reprodutores dos estereótipos e das desigualdades, tornamo-nos capazes de questionar.

A ideia de produzir um documentário para falar sobre sonhos resulta do pressuposto de que uma imagem, às vezes, pode representar muito mais do que uma fala ou um texto. E como produto jornalístico, o filme pode servir como meio de reflexão e questionamento social tal qual uma reportagem.

O documentário é um gênero que serve muito bem como campo de discussão de injustiças sociais. Por meio dele, é possível trabalhar vozes diversas apresentando personagens de classes sociais diferentes, muitas vezes representando a oposição da minoria forte e privilegiada contra a maioria fraca (LEVIN, 2012 p.1)

Com isso, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) expõe que, dentre outros deveres incumbidos da profissão, é obrigação do jornalista “[...] defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias”.

Portanto, apoiado nessas concepções, infere-se que, como cidadãos, também somos responsáveis pelas desigualdades. E como jornalistas, é nosso dever representar aqueles que são afetados por ela.

3 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

O documentário tem um conceito vago, e não possui um conjunto fixo de técnicas, formas ou estilos (NICHOLS, 2007). Segundo o autor, defini-lo não seria mais fácil do que explicar o que é o amor. “O documentário não só ativa nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social” (Nichols, 2007, p. 102) . Ao pensar no filme como um produto de representação social, pensamos nas chances de transformar as opiniões. Nichols diz: “Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira” (2007, p. 28) . O objetivo, como produção jornalística, é que o filme funcione como várias lentes, que proporcionem ao telespectador mundos completamente diferentes do que estão acostumados.

Por ser uma categoria cinematográfica, o documentário diferencia-se da reportagem televisiva. No primeiro caso, Jaspers (1998) acredita que o cineasta pode emitir opiniões, e mostrar as imagens escolhidas em uma sequência que exprima melhor o seu ponto de vista sem comprometimento ético.

O documentário de criação fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem esconde esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade [...] Qualquer opinião dos media sobre o real é, por definição, parcial. O documentário de criação reivindica, de algum modo, esta limitação (JESPERS, 1998, p. 175).

No caso do documentário, é comum que a opinião pessoal do diretor esteja no filme, enquanto em reportagem, preza-se pela isenção jornalística. Assim, cabe à obra a expressar as emoções dos personagens representados para que os telespectadores formem os conceitos do que veem em tela. Segundo Nichols: “Não podemos ver o conceito de pobreza, por exemplo; podemos ver apenas os sinais e sintomas específicos de uma existência degradada, cheia de privações, a qual atribuímos o conceito de ‘pobreza’” (2007, p.97). Nesse produto, não é possível encontrar a definição de sonhos, mas é possível vê-los através das mulheres que contam suas histórias.

Outra característica do documentário, que difere da reportagem, é a perda do factual como princípio condutor. No caso do jornal ou da reportagem televisiva, muitas vezes, a matéria se perde conforme o tempo por causa da data de validade. Em uma semana, a notícia pode ser considerada “velha”. Já o filme deve ser construído de maneira que não deva importar o dia da exibição, ou a velocidade com que ele é produzido. Aqui, não se trata de dar um “furo”, mas sim de um longo trabalho de apuração e desenvolvimento.

No documentário todo esse caráter de urgência da reportagem se esvai, e ao que parece, quanto mais antiga, mais interessante vai ficando a história do ponto de vista do cinema. Eis então uma grande questão que conceitua documentário, ao contrário da reportagem que possui esse tempo de vida útil, o documentário é completamente atemporal. O realizador fala sobre o que quiser no momento em que escolher - o caráter de documento vem de algo que pode ou não 'estar em alta' mas é do desejo do realizador tratar daquele assunto de forma subjetiva. (PEREIRA, 2015, p.4)

Ainda assim, não basta escolher determinado problema e apenas entrevistar pessoas com autoridade no assunto. Para produzir o roteiro de um filme, Hampe diz que no documentário é necessário mostrar com imagens o problema que está sendo abordado: “As imagens devem contar a história, mais do que o texto” (1997, p.9).

No documentário “Sonho de Menina” o principal desafio de produção foi um questionamento que o próprio Nichols aborda: “Como podemos representar os outros ou falar deles, sem reduzi-los a estereótipos, joguetes ou vítimas?” (2007, p. 178). Nesse caso, como abordar os sonhos dessas mulheres, sem trazer a tona uma espécie de sensacionalismo?

A resposta, talvez, seja deixar que as próprias personagens contem suas histórias, sem a interferência ideológica do cineasta para não enquadrá-las em lugares-comum. Assim, se cada entrevistada faz a narração da própria vida, elas se transformam para o telespectador em exatamente aquilo que pensam sobre si mesmas.

3.1 O poético, o participativo e o “eu”

Esse trabalho se baseia nos conceitos de documentário poético e participativo, ambos propostos por Bill Nichols. O primeiro está ligado à vanguarda modernista, no qual a emoção é mais importante do que o contexto linear racional. De acordo com o autor, o modo poético sacrifica a montagem das convenções de tempo e espaço convencionais para explorar ritmos temporais e justaposições espaciais. Isso significa dizer que o cineasta pode usar da subjetividade para editar as filmagens.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução. Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas (NICHOLS, 2007 p. 138)

Já o modo participativo tem a intenção de enfatizar a interação entre o cineasta e o tema. Segundo Nichols, a filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento.

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes importantes do modo participativo (NICHOLS, 2007, p. 162).

Como cineasta, me propus a colocar parte da minha história no roteiro. Pois, ao realizar um filme, todo diretor deixa nas telas uma parte si. Ele não é apenas um Outro, que apenas seleciona as melhores imagens e corta os áudios. O cineasta é todo o resultado criado. Ele é a mistura dos personagens, assim como também é o bastidor das gravações.

Para isso, utilizei a narração em voz over. Apesar de estar ligada ao modo expositivo (NICHOLS, 2007), esse recurso oferece a possibilidade de uma fala explícita com o espectador. E segundo Hampe (1997), o propósito da narração é contar a quem está assistindo o que ele não vai conseguir captar apenas com imagens. O método, nesse contexto, tem como principal objetivo entrelaçar todas as histórias, inclusive as minhas.

O filósofo espanhol e também jornalista José Ortega y Gasset uma vez disse que “Eu sou eu e minhas circunstâncias, e se não salvo a ela, não me salvo a mim” (ORTEGA Y GASSET, 1914 apud CORDEIRO, 2013). Ao refletir essa frase, podemos considerar que somos parte de todas as atividades que fazemos. O documentário é a junção do espectador, dos personagens, mas também é a personalidade de quem o produz, e todas as circunstâncias que, um dia, formaram sua identidade.

A obra cinematográfica faz parte das próprias bagagens como um ser humano. Ela representa sua visão sobre o mundo. Assim, deixamos uma parte de nós em tudo o que fazemos. E nessa produção, aceitei os meus sentimentos, e os explicitiei em tela. Risquei a imparcialidade, que é típica das reportagens nas quais os jornalistas se isentam das emoções, e acrescentei subjetividade, que está presente no conceito de documentário poético.

No filme “Sonho de Menina”, os relatos das mulheres se cruzam. Elas se completam e são partes umas das outras. É como um ciclo da vida de quem acabou de começar a viver com alguém que já conhece a vida. As histórias são peças de quebra-cabeças que se encaixam e montam uma imagem. O resultado é a mulher. Não são quatro pessoas que falam. Em um mundo cinematográfico, elas se tornam uma só.

4 MEMÓRIA PARA O FILME

Parte-se do pressuposto de que a memória constitui as entrevistas, e o personagem articula o fio das narrativas. A memória nada mais é do que um elemento constituinte do sentimento de identidade (POLLAK 1992). Ou seja, para construir a personalidade individual, é necessário recorrer às lembranças pessoais que foram decisivas para a construção do ‘eu’. Segundo Pollak (1992), a memória é constituída por acontecimentos, pessoas e lugares.

Por isso, nas entrevistas em profundidade feitas para compor o documentário, foi fundamental retornar ao passado para entender as decisões dessas mulheres para os próprios futuros, além de compreendê-las como ser humano.

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva, o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajuda-lo a encarar sua vida presente (CANDAUI, 2001 p. 21)

O papel da memória nos filmes tem uma importância fundamental. Para Nichols (2011), lembrar acontecimentos anteriores e fazer a ligação com o que está acontecendo no presente “pode ser fundamental para a interpretação do filme, exatamente como a memória pode ser fundamental para a construção de um argumento coerente” (2007, p. 91).

E usar a memória dentro do gênero cinematográfico pode ser um artifício importante no momento da construção do roteiro. Para Penafria: “Considerações acerca do presente ou do passado são comuns nos documentários. No entanto, também é possível e legítimo manifestar considerações sobre o futuro, por exemplo, a partir do nosso conhecimento” (2001 p. 2)

Mais do que apenas ser relevante para um roteiro, de acordo com Enne (2004), a análise do passado pode ser uma tentativa de oferecer uma versão memorial que atenda as demandas específicas do presente. Ou seja, as pessoas tendem a “olhar para trás” para escolherem como vão guiar as próprias vidas no futuro. E é isso que as personagens deste documentário fazem: elas lembram o passado para sonharem com o “amanhã”.

Essas possibilidades de apropriação do passado pela via do presente apontam para uma questão ainda maior: a construção de futuros possíveis. Assim, é no presente que a construção do passado é disputada como recurso para a construção de um futuro que responda às aspirações desse presente (ENNE, 2004 p. 105)

Ao abordarmos a vida das personagens, podemos comparar as dificuldades e a cultura de cada sociedade da época através das percepções que elas mesmas têm de si e das próprias vidas. Graças a memória, podemos entender as diferenças dos sonhos e das realidades de cada

uma, assim como percebemos a transformação que se dá com o passar dos anos. É através da memória que compreendemos qual é o contexto histórico onde essas pessoas se inserem, e também ouvimos às versões dos fatos de quem presenciou a história acontecer.

A recordação é um beco sem saída. Perdemos a arte da memória. Contudo, somos o que lembramos, como nações e como indivíduos; e a memória é o lugar, agora, de lutas por identidade e pela posse de um passado. E são lutas amargas em torno de memoriais, monumentos e museus. Lutas amargas para que não se esqueça o passado; para o passado ser reivindicado para o presente e o presente ser reivindicado para o futuro” (SILVERSTONE, 2002, p. 231)

Assim, a importância do passado e das recordações para a construção do documentário é significativo para entender os sonhos dessas mulheres. A memória se torna indispensável para a consciência dos próprios desejos.

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que pensamentos sem duração, sem lembranças da sua história que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. A consciência de si não seria possível sem a lembranças, expectativas, lamentações que o tempo e a distância nos colocam. (CANDAUI, 2001, p. 59).

Nesse sentido, não apenas a memória tem grande papel na construção deste documentário, como também é possível afirmar que a mídia é uma peça fundamental na construção das lembranças. Ainda para Enne (2004) essas categorias não podem ser pensadas separadamente ou de forma estática, mas sim dentro de fluxos comunicacionais que constituem redes de interação social. Assim, a memória cria o documentário, e o filme constrói as recordações.

Assim, o documentário tentou capturar as memórias dos personagens entrevistados e transformá-las em uma só história. Pois, são essas lembranças que foram responsáveis pela formação do indivíduo que elas são hoje. E seria impossível falar sobre um futuro sem precisar resgatar os momentos de vida, e a história por trás do ser humano. Ou aquelas situações que foram imprescindíveis para que seus sonhos se tornassem possíveis e palpáveis, ou que se perdessem na linha do tempo.

5 DIÁRIO DE BORDO

No momento em que pensei em fazer um documentário que relacionasse sonhos com a periferia do Distrito Federal, imaginei que deveria buscar personagens em São Sebastião. Ainda em 2015, a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) divulgou o Índice Multidimensional de Pobreza (IMP), que mapeia as principais regiões com maior taxa de pobreza no DF. Em primeiro lugar ficou São Sebastião.

Ao pesquisar mais, descobri uma área dentro da região, chamada Vila do Boa – que é considerada invasão-. Então, fui procurando por lugares que pudessem me ajudar a encontrar personagens. Foi assim que encontrei um homem chamado Nivaldo Nunes, que sustenta com a própria renda e de maneira voluntária um instituto de artes onde ensina crianças carentes da região a fazerem pinturas em telas.

Assim, fiz minha primeira visita à Vila do Boa, em São Sebastião no dia 19 de março. Quando entrei em contato com Nivaldo, ele me garantiu que apresentaria todas as garotas do instituto para que eu pudesse conversar com elas e conhece-las melhor. E eu fui. Sem equipamento e com apenas um bloquinho de anotações, passei a tarde toda do sábado com elas. Conhecendo-as, vendo-as pintar, brincar (e até brigar) entre si. Tímidas, no início da tarde poucas responderam o meu ‘olá’. Quando já estavam na hora de ir embora, todas abanaram as mãos, ansiosas, perguntando se podiam fazer parte do filme e se podiam ser entrevistadas na próxima visita. Naquele momento, eu já tinha conversado com a maioria e já tinha escutado as histórias de vida. Apesar de não poder colocar todas elas no filme, quem seria eu para me negar a escutar uma história quando alguém insistia em querer contá-la? Então prometi que iria entrevistar todas.

Ainda no primeiro dia, naquele 19 de março, encontrei uma moça chamada Janaína, que espreitava o instituto e observava de longe a pintura. Ela segurava no colo um bebê de um ano e dois meses. Sem entender porque ela apenas observava de longe, perguntei se ela também pintava. “Não”, respondeu. “Para adultos tem que pagar”.

Como estava muito calor naquele dia, ficamos do lado de fora do estúdio improvisado do instituto, e sentamos ao chão para conversar. Aos poucos, Janaína comentava sobre a vida, a mãe, a filha no colo e o futuro-marido (apesar de já morarem juntos há dois anos, decidiram que iam se casar oficialmente no cartório na segunda-feira, dia 28). Ela também contava sobre os medos, as dificuldades, as vontades para o futuro.

Como eu gostaria de entrevistar uma criança, uma jovem entre vinte e poucos anos e uma idosa, Janaína acabou se tornando uma personagem em potencial. Mas, ainda ali, eu não

estava convencida de que ela fosse o personagem ideal. O que a diferenciava de tantas outras mães desempregadas que eram sustentadas pelo marido e tiveram uma adolescência difícil?

A resposta para essa pergunta veio quando eu, curiosa, perguntei a idade dela. Janaína levantou o queixo, como uma mulher adulta que busca por afirmação, e soltou: dezesseis.

Sem precisar de mais nada, aquilo a consolidou como uma personagem da qual eu queria falar sobre. Uma adolescente que se considera adulta, que vive como uma, mas que teve os sonhos perdidos antes mesmo de ter a chance de lutar por eles.

Por conta do feriado da Páscoa, voltei à Vila do Boa no dia 02 de abril, já com uma câmera em mãos. Gravei primeiro com as crianças. Nesse dia, apenas quatro tiveram coragem o suficiente para encarar o equipamento. Mas, para produzir o documentário, eu precisava selecioná-las. Ou seja, dentre as quatro que se voluntariaram para contar suas histórias, eu deveria escolher apenas uma na hora da edição.

De uma a uma, fui fazendo perguntas sobre a rotina, a vida e enfim, os sonhos. Até ali, eu apenas tinha uma ideia do que elas iriam contar baseadas nas conversas que tivemos anteriormente. Algumas tinham problemas com a família, outras não sabiam o que queriam ser quando crescer. Mas quando liguei a câmera, não tinha certeza do que iria encarar. Era tentativa e erro. Eu poderia ouvi-las, e perceber que as entrevistas não foram bem aproveitadas. Tal como poderia me surpreender de ouvir histórias que elas não haviam comentado comigo na visita anterior. Seja como fosse, eu deveria escolher apenas uma.

Mas não foi preciso chegar na fase de pós-produção para escolher as personagens que mais se encaixavam no projeto. Na entrevista, eu escolhi. Apesar de a ideia inicial ter sido colocar apenas uma criança, optei por deixar duas. A Thais e a Cauany, com 12 anos ambas. A primeira porque sonha em ser uma jogadora de futebol ou participar do exército, mas tem a desaprovação da mãe porque são “profissões para homem”. E a segunda porque tem o sonho de ser advogada para ajudar os familiares que eventualmente forem para a prisão.

A Thais é a típica menina sonhadora, que gosta de brincar de tudo, que conversa com todo mundo. Ao contrário, Cauany é uma menina mais agressiva, que já foi afastada do instituto de artes por mal comportamento. Tão distintas uma da outra, mas que conseguem cruzar a história de uma única maneira: as duas juram que querem ajudar a família quando crescerem. Esse é o grande ponto que as ligam.

Nesse dia, voltei a me encontrar com Janaína para pegar o número dela para que pudéssemos conversar melhor depois. Perguntei se ela poderia e gostaria de participar do documentário, mas ela respondeu que deveria pedir primeiro a permissão da mãe. Então, eu esperei.

No dia 10 de abril, já estava tudo certo e eu deveria ir até a Vila do Boa novamente. Mas quando cheguei, Janaína estava com suspeita de dengue, fazendo exame no hospital e não pode atender. Aproveitei para bater na porta da casa de Thaís (as duas são vizinhas), e gravei mais algumas cenas que faltaram, como ela jogando futebol, e etc.

Voltei no dia 24 de abril. E dessa vez, tive a chance de conhecer melhor a história de Janaína. Gravamos tudo do lado de fora da casa porque no interior não cabia nós duas sentadas de frente para a outra, com a câmera. Fui embora com a promessa de que entregaria uma cópia do documentário, que ela veria na televisão do Instituto de Artes do Nivaldo, porque na própria casa não havia televisão.

Até aí, eu tinha três personagens. Mas, faltava alguém que falasse sobre as experiências já vividas e sonhos já realizados. Então, comecei a procurar por senhoras que quisessem participar do meu projeto. Decidi sair da Vila do Boa quando lembrei de uma reportagem do Correio Braziliense para o dia da mulher sobre uma senhora de 99 anos que viera da Bahia de jegue. Ela morou por muito tempo na Candangolândia quando Brasília ainda estava sendo construída. Achei que se tratando de sonhos, as crianças estavam em um extremo. E ela estava no outro.

Epifânia Maria de Jesus, nascida em 1917, é lúcida como alguém jovem. Na entrevista, realizada no dia 04 de maio na casa de um dos netos na Asa Norte, ela cantou para mim e recitou poesias românticas e eróticas que escreveu. Mas não queria ser poetisa. Na verdade, quando jovem, ela não tinha noção dos sonhos, e de acordo com ela, “para mulher, tudo era difícil demais”. Ela morou por muito tempo na Candangolândia, no DF porque seu marido trabalhava na construção de Brasília. De todas as quatro, Epifânia é a única que não mora atualmente fora da área nobre do Plano Piloto, já que depois das três doenças que tivera após os 90 anos, foi aconselhada a morar junto com um dos filhos em uma casa na Asa Norte. Mas fora ela quem viu Brasília crescer. E que cresceu junto com a cidade. Hoje, o maior sonho é ter sua própria casa e morar sozinha de novo.

Eu poderia ter ido atrás de mais histórias. Mais personagens. Mas elas se completavam. Elas se entendiam. A Cauany e a Thais podem muito bem ser Janaína em dois anos, assim como podem ser Epifânia em 87 anos. A senhora, por sua vez, também teve seus sonhos roubados porque antigamente mulher não era vista como igual ao homem. Ela nasceu em época que não era permitido nem o voto feminino. E ainda hoje, uma criança é “podada” para sonhar em ter profissão considerada de “mulher”.

Cauany saiu do Piauí porque a avó com quem morava morrera. Janaína decidiu deixar o Maranhão em busca de vida melhor com a mãe e irmã em um carro velho que só carregava

“algumas tralhas. Nós não tínhamos muita coisa, deu para trazer tudo”. E Epifânia, que pegou um jegue aos 17 anos e veio com o marido porque “lá em Correntina não tinha nada”. Epifânia. Que abrigou todos os candangos, e fez comida para todos eles quando Juscelino Kubistchek prometeu uma capital no meio do cerrado. Epifânia. Cujos sonhos simples se misturam com as meninas que conheci. Cuja vida sempre fora difícil desde criança. Cuja vida agora não é apenas um passado de fotografias e histórias tristes, mas sim um compilado de momentos que nunca a deixaram parar de sonhar. Nem mesmo agora.

Quanto as edições do documentário, estas aconteceram nos dias 23, 25, 31 de maio, além do dia 01 e 02 de junho. Nesse momento, tudo foi detalhadamente pensado. A voz-over. As fotografias de quando eu era criança. Até mesmo a música instrumental do cantor israelita Asaf Avidan que se repete durante todo o filme, e que acompanha nos meus off's é a mesma melodia das cenas de corte do início e do final. Partindo do pressuposto de que a sonorização é fundamental para o filme, a ideia é que a música passe a impressão de que é a mesma história sendo contada, mesmo que personagens diferentes.

6 CONCLUSÃO

Qual é o seu maior sonho? Foi através dessa pergunta que o documentário começou a ser pensado e desenvolvido. É possível encontrar respostas e incertezas. De pessoas com diferentes personalidades, e de gerações opostas. Ao pensar um pouco mais nessa interrogação, havia outro questionamento: quais seriam os sonhos daquelas pessoas que mal são escutadas pela sociedade? Que vivem, ou passaram grande parte da vida, em regiões pobres? Que fazem parte de um gênero que é oprimido? Por isso a escolha da periferia. A Vila do Boa é uma invasão. Mas é casa para muita gente. Por isso a escolha das mulheres. Muitas vezes, não são elas que decidem o próprio futuro.

Ao produzir o documentário, o objetivo final não é reduzir as mulheres a uma categoria de vítima, que não conseguem ter o controle da própria vida. É fato que muitas vezes elas não têm, mas isso não as impede de sonhar. E o grande cerne do filme sempre foram os sonhos. E as escolhas que fazemos para alcançá-los.

O propósito do filme, por mais subjetivo que seja, é que o espectador reflita sobre os próprios sonhos, os meios, e a realidade em que está inserido. Como alguém pode decidir ou oprimir as suas vontades? Como a sociedade é capaz de reprimir e interromper os seus anseios? Como você luta para conseguir realizar todos os seus sonhos?

Um dos maiores problemas que a relatora especial das Nações Unidas, Rita Izsák, apresentou quando veio em Brasil em setembro de 2015, também foi a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos, e sem a participação das minorias. A mídia tem esse papel: dar voz a quem não tem voz. O documentário teve a pretensão de entregar imagens capazes de ilustrar e dar rosto a quem também não é visto. Histórias perdidas na pressa de se contar apenas o “novo”.

Produzir este documentário foi como encarar um espelho. Não necessariamente por saber exatamente o que essas mulheres passam, ou quais sonhos foram perdidos no meio do caminho por causa das dificuldades da classe social. Mas por sentir, como mulher, que no final das contas, a luta de uma é o combate de todas. E, que juntas, vamos continuar lutando, gritando e dando voz. Porque quando nos abtemos e ignoramos, viramos opressores. Quando uma é oprimida, todas nós somos também.

Enquanto nós não formos livres sonhadoras, as histórias para contar não têm as melhores tintas, os melhores quadros. Não apenas por elas. Não apenas por mim. Por todas. Porque nós somos o mundo inteiro. E a luta de se contar uma história nunca terá fim.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo. Contexto, 2012.
- COLETA, Oliveira Maria. **A demografia da exclusão social**. São Paulo. Ed. Unicamp, 2001.
- CORDEIRO, Nivaldo. **Ortega e as circunstâncias**. 2013. Disponível em <<http://nivaldocordeiro.net/blog/2013/06/11/ortega-y-gasset-e-as-circunstancias/>> Acesso em: 08 maio 2016.
- ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Rio de Janeiro. v. 6, nº 2. p. 101-116. jul/dez 2004
- FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: <<http://observatorioidaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/o-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>> Acesso em: 09 jun 2016
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
- HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. 1997. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf> > Acesso em: 20 maio 2016
- IZSÁK, Rita. **End of Mission Statement**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/09/End-of-Mission-Statement-SR-Minorities-Brazil-FINAL-ENG.pdf>> Acesso: 09 jun 2016
- IZSÁK, Rita. **Report of the Special Rapporteur on minority issues on her mission to Brazil**. 2016. Disponível em: <http://ap.ohchr.org/documents/dpage_e.aspx?si=A/HRC/31/56/Add.1> Acesso: 03 mar de 2016
- JESPER, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.
- LEVIN, Tatiana. **O documentário como espaço de denúncia da injustiça social e do conflito, os casos A Grande Liquidação e Comedores de Ferro**. 2012. Disponível em <<http://docplayer.com.br/4725123-O-documentario-como-espaco-de-denuncia-da-injustica-social-e-do-conflito-os-casos-a-grande-liquidacao-e-comedores-de-ferro.html>> Acesso em: 03 jun 2016.
- MATOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2006. p. 153 - 196
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2007.
- PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>> Acesso em: 09 jun 2016

PEREIRA, Stefânia. **Diferenças formais entre reportagem e documentário:** questões da ética no cinema e valorização do personagem. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/diferencas-formais-entre-reportagem-e-documentario-questoes-da-etica-no-cinema-e-valorizacao-do-personagem/view>> Acesso em: 27 maio 2016

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** 1992. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2 ed. São Paulo: Loyola. 2002.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira:** quem é e como vive. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2009

APÊNDICE A – ROTEIRO

<p><u>CENA 1</u></p> <p>Cena 1</p> <p>“Eu sou eu e minhas circunstâncias” José Ortega y Gasset”</p> <p>Fotos pessoais de quando criança</p> <p>Tela preta.</p> <p>VÍDEO criança brincando com a câmera.</p> <p>VÍDEO espaço do Vila do Boa</p> <p>VÍDEO cachorro atravessando a tela</p> <p>VÍDEO menina brincando de bola no terreno</p> <p>TÍTULO: SONHO DE MENINA</p>	<p>ÁUDIO</p> <p>Música: Asaf Avidan – instrumental</p> <p>OFF1: ESTA É UMA HISTÓRIA SOBRE SONHOS, MULHERES E REALIDADES//</p> <p>É COMO SE O ROTEIRO FOSSE SENDO FORMADO QUANDO EU AINDA ERA CRIANÇA//</p> <p>NO TEMPO DO SONHO DE CANTAR, VIAJAR E TER MUITOS AMIGOS //</p> <p>NO TEMPO DE CRESCER, LIGUEI A CÂMERA ATRÁS DOS SONHOS.</p> <p>DOS MEUS, DOS SEUS E DE OUTRAS MULHERES//</p> <p>SOBE SOM</p>
<p><u>CENA 2</u></p> <p>Cauany: apresentação</p>	<p>“Eu vou falar só meu primeiro nome. Meu nome é Cauany. Tenho doze anos e... (risos)... corta tudo!”</p>
<p><u>CENA 3</u></p> <p>Thais: apresentação</p>	<p>“Meu nome é Thaís Sales e eu tenho 12 anos...”</p>

	... “eu estudo na escola São Paulo, eu faço muita coisa lá, eu gosto de estudar, eu não sou chata, eu sou muito legal.”
<u>CENA 4</u> Epifânia Maria de Jesus: apresentação.	“Pode falar besteira? (risos)” ... “eu sou de 1917. Estou com 99 anos, já completos. Já completei já. O pezinho já tá no 100. 7 de abril do ano vem, vou completar meus 100.”
<u>CENA 5</u> Thais	“ Minha rotina é bem legal. Tem vez que eu brinco, que eu desenho no caderno...”
<u>CENA 6</u> Janaína	“Minha rotina é só dormir, acordar, fazer as coisas de casa. Porque eu não tenho trabalho, aí eu tenho muita vontade de trabalhar, mas eu sou de menor, e não tem como eu trabalhar agora”. “O que eu gosto de fazer mesmo é mexer no celular, mas meu celular não tem essas coisas. Eu também gosto de ajudar em casa, mas às vezes dá uma preguiça...”
<u>CENA 7</u> Fotos pessoais quando criança	OFF: QUANDO EU ERA CRIANÇA, MEUS PAIS SEMPRE ME DISSERAM QUE EU PODIA SER QUALQUER COISA QUE ME FIZESSE FELIZ/ / E EU FUI MUITAS COISAS DURANTE TODO ESSE TEMPO// E HOJE, EU RESOLVI IR ATRÁS DOS SONHOS DOS OUTROS//
<u>CENA 7</u> Thais PERGUNTA	“Quando eu crescer, eu quero ser soldado do exército ou então jogadora de futebol... E O QUE SEUS PAIS FALAM SOBRE ISSO?

<p>Thaís</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Thaís</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Thaís</p>	<p>“Minha mãe não gosta nem que eu seja jogadora de futebol, nem do exército. Porque ela fala que isso é pra homem”.</p> <p>E POR QUE VOCÊ QUER SER OU JOGADORA DE FUTEBOL OU DO EXÉRCITO?</p> <p>O exército eu comecei a me interessar quando eu vi que as pessoas fazem mais serviço na natureza, eu gosto muito da natureza. Jogadora de futebol é porque eu gosto muito de brincar com bola.</p> <p>E VOCÊ QUE COISA DE HOMEM?</p> <p>“Não. Eu acho que é tipo assim... a gente tem que fazer o que a gente gosta”.</p>
<p><u>CENA 8</u></p> <p>Epifânia</p>	<p>“ As mulheres eram sofridas. Hoje as mulheres é tudo beleza pura. O Getúlio vargas também abriu as portas da evolução. Que antigamente só os homens tinham o direito de votar. Só tinha leitura pros homens, ele abriu o sertão para as mulheres também terem suas atividades. Porque hoje, a maioria das mulheres passam dos homens. Os homens tão aqui embaixo, e as mulheres tão lá em cima. Beleza pura.”</p>
<p><u>CENA 9</u></p> <p>Janaína</p>	<p>“Ah eu tinha o sonho de ser médica, mas aí eu não terminei o curso que eu tava fazendo, agora eu também nem comecei a estudar e já parei. Então eu acho que meu sonho tá um pouquinho longe de acontecer, eu mesmo falei pra minha mãe: eu tenho vontade de ser médica, eu tenho muita vontade de ser médica, mas não foi o destino de ser médica”.</p>
<p><u>CENA 10</u></p> <p>Epifânia</p>	<p>“Sabe que eu tenho um sonho ainda de ter uma casa pra eu botar meus vicente e toda a gente, meus Raimundo e todo mundo. Mas se Deus quiser, eu vou ter</p>

	<p>essa casa. Quem tem fé, vai longe. O vento traga, e o vento leva, já tive moradas boas, hoje eu não tenho, mas eu sou felizarda porque eu tenho muitas moradas por causa de meus netos... O vento ainda vai trazer uma casa.”</p>
<p><u>CENA 11</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Janaína</p>	<p>E AGORA? O QUE MUDOU?</p> <p>“Agora meu sonho é ver minha filha crescer em um bom ambiente, na nossa casa, nas nossas coisinhas. Que o sonho da gente depois que a gente casa é ter a casa da gente, o carro da gente, que a família da gente viva bem”.</p>
<p><u>CENA 12</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p> <p>TEXTO: “se eu tiver com alguém da minha família preso...”</p>	<p>E O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?</p> <p>“Advogada”</p> <p>POR QUE ADVOGADA?</p> <p>“ Se eu tiver com alguém da minha família preso, eu posso tirar eles da prisão”.</p>
<p><u>CENA 13</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>TEXTO: “Caçando melhora na vida...”</p> <p>Epifânia</p>	<p>E PORQUE A SENHORA SAIU DA BAHIA E VEIO PRA GOIÂNIA E BRASÍLIA?</p> <p>“Ah, caçando uma melhora na vida, minha filha. Ali no meu sertão não tinha atividades de trabalho que tinha nas construções da capital. Então hoje graças a Deus eu tô no meu jardim de flor que eu plantei. Quem planta, colhe. E eu tô dentro do meu jardim de flor, com minha família, e meu povo de Deus, e minhas duas capitais: Goiânia e Brasília”.</p>
<u>CENA 14</u>	

<p>Janaína</p> <p>TEXTO: “eu acho que é uma vida boa...”</p>	<p>“ Minha mãe veio pra cá com a cara e a coragem. Aí depois mandou a gente vir pra cá porque a gente tava dando muito trabalho para nosso avô e nossa avó, era desobediente que só. Aí ela trouxe pra cá, mas ela sofreu um bocado pra gente chegar na nossa vida boa que nós tem hoje. E eu acho que é uma vida boa né. Nós já moramos num quartinho que meu deus era só um quartinho miudinho. Tinha uma geladeira, cama, era eu, ela minha irmã. Era caro que só”.</p>
<p><u>CENA 15</u></p> <p>Fotos pessoais quando criança.</p>	<p>OFF: COM OITO ANOS, EU SAÍ DE BELÉM DO PARÁ E CHEGUEI EM BRASÍLIA/ / NA BAGAGEM, CARREGUEI SONHOS// E DESDE ENTÃO, PARTE DE MIM FOI FICANDO EM TODOS OS LUGARES QUE CONHECI//</p>
<p><u>CENA 16</u></p> <p>Epifânia</p>	<p>“Nós viemos a pé. As cargas no jegue e a gente caminhando, gastamos um mês na estrada. Quando você sai daqui, você pega um carro às 6 horas e quando é meio dia você está em Correntina almoçando, gastamos um mês na estrada, e os cavalos morreram tudo na estrada, só o jegue que foi campeão. Porque o jegue come até casca de pau”.</p>
<p><u>CENA 17</u></p> <p>Janaína</p>	<p>“A gente veio pra cá com o carro dele (do marido) porque ele trouxe as mudanças no reboque as coisas. É pouca coisa né”.</p>
<p><u>CENA 18</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p>	<p>“Ela foi me buscar no Piauí”</p> <p>AH, VOCÊ NÃO É DE BRASÍLIA?</p> <p>“Não”</p> <p>COM QUANTOS ANOS VOCÊ VEIO PRA CÁ?</p>

<p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany</p>	<p>“Com 9, 10”</p> <p>VOCÊ MORAVA LÁ COM QUEM?</p> <p>“minha avó”</p> <p>E AÍ COMO FOI ISSO?</p> <p>Eu tava com minha avó, meu avô, quando minha avó morreu, e aí minha mãe foi me buscar”.</p> <p>VOCÊ VOLTARIA PARA O PIAUÍ?</p> <p>“La é muito legal, melhor que aqui”</p> <p>POR QUE?</p> <p>“Porque lá não tem muita violência, eu posso brincar até a noite, aqui é diferente, eu posso ficar até à noite, mas aqui é muito violento”.</p>
<p><u>CENA 19</u></p> <p>Epifânia.</p> <p>Foto Brasília antiga</p> <p>Fotos pessoais de Epifânia</p>	<p>“Quando nós chegamos aqui não tinha rodoviária, não tinha casa não tinha nada. Juscelino fez a cadangolandia pra alojar os candangos. Dali os candangos saíram pra ir para seus apartamentos. Quando ele deixou o governo, ele deixou a gente com dois apartamentos, carros na porta, com filhos maridos tudo bem empregado”</p>
<p><u>CENA 20</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Epifânia.</p>	<p>E A SENHORA CASOU COM QUANTOS ANOS?</p> <p>“Eu casei com 17 anos”</p>
<p><u>CENA 21</u></p> <p>Janaína</p>	<p>“Eu fiquei grávida aos 14 anos, tive ela com 15 anos, mas minha gravidez não foi uma gravidez boa, como se diz assim... normal como de qualquer outra pessoa. Porque assim, minha mãe morava com um rapaz, aí esse rapaz bebia muito, aí passava a noite, eu acordava, aí depois disso na sala, um rapaz me chutou na barriga, mas Graças a Deus não aconteceu nada com ela. Não foi uma</p>

	gravidez calma, foi perturbado. Por isso que ela é muito agitada”.
<u>CENA 22</u> Epifânia	“Eu tive o primeiro filho com 18 anos. E aí todo ano... não tinha esse negócio de dois três anos para ter filho não”.
<u>CENA 23</u> Fotos pessoais quando ainda criança	OFF: QUANDO A GENTE CRESCE, AS PRIORIDADES, OS DESEJOS E OS MEDOS MUDAM. // AOS POUCOS, ABRIGAMOS NOSSAS ALMAS COM AS FAMÍLIAS, COM OS AMIGOS...
<u>CENA 24</u> Epifânia	“Eu criei pouquinho. Foram só 18, fora os quatro que eu perdi. Naquele tempo, tinha que criar filho ou largar o marido. Meu marido era um homem muito bom. Aí você tem um filho, pensa que aquele é o derradeiro e quando você pensa que não, vem mais, vem mais”.
<u>CENA 25</u> PERGUNTA: Thais	VOCÊ TEM MUITOS AMIGOS? “O que eu mais tenho na vida é amigos”
<u>CENA 26</u> Janaína	“O único amigo que eu tenho aqui em casa é minha mãe, minha filha e meu esposo. Aqui eu não conheço ninguém, mas minhas amigas moram tudo longe”. “ A única diversão que eu tenho é só ir pra igreja e brincar com ela”.
<u>CENA 27</u> Epifânia FOTO da tatuagem 1 FOTO da tatuagem 2	“Eu ia mt pra praia mais meu primeiro neto ai lá eu vestia aquela tatuagem de henna que banhou e acabou. Ai eu pedi um presente de aniversário. E eu queria uma tautagem, mas eu pensei mesmo... não podia ser no braço que só tem pelanca, tudo despencado, mas tem uma

	coisa em mim q pode. A primeira eu fiz com 90 anos, e a outra eu fiz com 98 anos. E a outra vou fazer ano que vem, que eu já botei pezinho no 100”.
<p><u>CENA 28</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Cauany TEXTO: Mudaria tudo...</p>	<p>SE VOCÊ TIVESSE A CHANCE DE MUDAR QUALQUER COISA NA SUA VIDA, O QUE VOCÊ MUDARIA?</p> <p>“mudaria minha família, mudaria tudo dentro de casa”.</p>
<p><u>CENA 29</u></p> <p>Janaína</p>	<p>“Eu queria mudar tipo tirar um pouco da minha ignorância. Tirar muitas coisas, pq a gente é falho, mas a gente tem que tentar mudar. Eu tento tirar assim. Eu tento ter mais paciência com a minha filha, meu esposo, minha mãe. Agora eu sou dona de casa, então a gente tem que ter paciência mesmo. Redobrada.”</p>
<p><u>CENA 30</u></p> <p>Epifânia</p>	<p>“ O conselho que eu sou pra todas as mulheres é agarra seus estudos. Porque seus estudos é sua sabedoria é quem liberta vocês”.</p>
<p><u>CENA 31</u></p> <p>Janaína</p> <p>Imagem de ônibus passando</p>	<p>“E aí eu fico pensando comigo: meu pai, eu sou tão nova, então eu deveria terminar os meus estudos e conseguir um emprego melhor, pra pelo menos pagar a minha mãe pra ela cuidar da minha filha”</p> <p>“Eu estava estudando, mas eu parei de estudar por causa dos horários dos ônibus. Porque o último passa 21:40 e ele nem tá mais passando. Só tá passando o de 22 e pouco e aula terminava quase onze horas”.</p>
<p><u>CENA 32</u></p> <p>Epifânia</p>	

	<p>“Mas quando eu voltar da outra vez, eu não quero levar cruz, nem carvalho pra filho, nem pra marido não. Eu quero ser cobra cobrina pirigüete (risos)”</p>
<p><u>CENA 34</u></p> <p>Fotos pessoais quando criança</p>	<p>OFF</p> <p>PENSEI ONDE GOSTARIA DE ESTAR DAQUI A VINTE ANOS//</p> <p>E A VERDADE É QUE O FUTURO É APENAS UM COMPILADO DAS ESCOLHAS // DO TALVEZ //</p> <p>ACABA O FILME, MAS AS INJUSTIÇAS NÃO ACABAM.</p> <p>HÁ HOJE QUEM NÃO TEM O DIREITO DE SONHAR. QUERIA UM FRAME QUE ME DESSE ESPERANÇA, UMA CENA, UM SORRISO, UM SONHO.</p>
<p><u>CENA 35</u></p> <p>PERGUNTA</p> <p>Janaína</p>	<p>COMO VOCÊ GOSTARIA DE VER A JANAÍNA DAQUI A 20 ANOS?</p> <p>“Ah eu acho que gostaria de ver ela com mais maturidade, mais sabedoria, eu gostaria de ver ela mais como que é que se diz? Mais madura com ela, meu esposo, minha mãe, eu gostaria de ser assim, uma boa mãe”</p>
<p><u>CENA 36</u></p> <p>Cauany</p>	<p>“Muito diferente. Eu vou realizar meu sonho...”</p>
<p><u>CENA 37</u></p> <p>Epifânia</p>	<p>“As histórias da avó é umas histórias de esculhambação, mas é a verdade. Antigamente era isso”.</p> <p>Agora vou falar um poema pra vcs bonito, viu:</p>

<p>Cena Janaína rindo</p> <p>Cena Cauany rindo</p> <p>Cena Thaís rindo</p> <p>VÍDEO Cauany dançando</p> <p>VÍDEO Thaís jogando bola</p> <p>VÍDEO Filha da Janaína tomando banho</p> <p>VÍDEO Cauany pintando</p> <p>FOTO Epifânia 1</p> <p>FOTO Epifânia 2</p> <p>VÍDEO Janaína amamenta.</p> <p>VÍDEO cena Thaís sorrindo</p>	<p>Eu acordo e vejo no quarto Seu lindo retrato que sempre sorri Mesmo em sonho, sendo uma fantasia, Eu sinto alegria alembrando de ti. Alembrando eu me sinto feliz, Eu me sinto feliz em alembrar Deitada eu faço melodia Olhando no teu olhar O coração que se ama nunca esquece o amor Logo a saudade vem, lembrança de alguém, tão cheia de dor</p> <p>SOBE SOM (Asaf Avidan – One day instrumental)</p> <p>Orientação Luiz Cláudio Ferreira</p> <p>Produção Deborah Fortuna</p> <p>Edição de Imagens Ronalt Fernandes</p> <p>Música Asaf Avidan – One Day</p>
--	--